

«Que tipo de mundo esperamos construir?»

Conselho Mundial de Igrejas

recomenda a «Magnifica Humanitas» a todos os povos



Na ocasião da publicação da «Magnifica Humanitas», a nova encíclica do Papa Leão XIV sobre inteligência artificial e dignidade humana, o Bispo Prof. Dr. Heinrich Bedford-Strohm, moderador do Comité Central do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), expressou a sua gratidão pelo documento social papal.

«Magnifica Humanitas» (latim para «A Magnífica Humanidade») aborda os rápidos desenvolvimentos tecnológicos na era da digitalização, que encontram a sua expressão mais avançada na inteligência artificial.

«Este desenvolvimento traz grandes oportunidades, mas também grandes riscos», afirmou Bedford-Strohm. «O desenvolvimento tecnológico ganhou tal impulso que as regras que garantem a sua utilização responsável não acompanharam o ritmo.»

Isto torna ainda mais importante um debate público global sobre essas regras tão urgentemente necessárias, observou Bedford-Strohm. «Um dos objetivos é estabelecer mecanismos eficazes para proteger a liberdade e a dignidade humana contra as empresas de dados cujo poder de monopólio é agora praticamente incontrolável», afirmou. «Especialmente no que diz respeito à inteligência artificial, a questão central é também o conceito de humanidade.»

Bedford-Strohm acrescentou que é óbvio que as igrejas, com o seu rico tesouro de reflexão antropológica, têm algo importante a dizer nesta matéria. «É por isso que temos vindo a debater intensamente esta questão nos últimos anos no âmbito do Conselho Mundial de

Igrejas», afirmou. «Estou muito grato pelo facto de o Papa Leão estar agora a dar um forte impulso a este debate com a sua nova encíclica, que, esperemos, tenha um impacto tão grande no público global como a encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco teve na questão da ecologia.»

As igrejas precisam de fazer ouvir a sua voz

O secretário-geral do CMI, o Rev. Prof. Dr. Jerry Pillay, observou que o CMI há muito reconhece o avanço e os benefícios da tecnologia e da IA em muitas áreas da vida, mas alertou igualmente para os desafios que estas representam para os valores espirituais, morais e éticos, se não forem cuidadosamente controladas e monitorizadas. «A tecnologia deve ser utilizada para melhorar e desenvolver a vida e o bem-estar humanos, e não para substituir o trabalho, o valor e a dignidade humanos», afirmou. “Estou especialmente grato ao Papa Leão XIV pela *Magnifica Humanitas*, que é muito relevante e oportuna numa era de expansão da IA.”

Pillay observou ainda que a abordagem teológica da encíclica fornece uma posição firmemente estabelecida sobre por que razão as igrejas precisam de levantar as suas vozes de discernimento e cautela quanto aos riscos e consequências que advêm da IA.

«Reconhece a criação dos seres humanos por Deus e a capacidade dos humanos de fazer o bem, mas também reconhece a presença do mal e as suas trágicas consequências sobre os seres humanos e a vida no mundo», afirmou. «As guerras, os conflitos, o assassinato sem sentido de milhares de pessoas diariamente e o uso da tecnologia que contribui para tal destruição devem ser postos em causa.»

Quando a tecnologia é utilizada para o bem, servindo o bem humano para construir a família, a comunidade e o mundo, está em consonância com o plano de Deus, observou Pillay. «No entanto, nas mãos dos poderosos e ricos, é uma ferramenta para o interesse próprio e o abuso, e de benefício limitado para aqueles que são pobres e marginalizados», afirmou. «A tecnologia sem responsabilidade social está a remodelar as relações de poder e a empobrecer as relações humanas.»

Pillay concluiu que a encíclica nos ajuda a compreender o apelo ao amor, à graça e à paz. “Ela coloca a questão que deve estar sempre em nossas mentes, corações e lábios: ‘Que tipo de mundo estamos a tentar construir?’”, disse ele. «O CMI aplaude e recomenda “*Magnifica Humanitas*” a todas as pessoas, não apenas aos crentes, para estudo, reflexão e ação, à medida que procuramos construir um mundo melhor para todas as pessoas e para a criação.»